

Brasil: a recuperação é pra valer?

da Business Week

Durante sete anos, Kurt J. Meier, principal executivo da General Electric do Brasil, levou adiante uma problemática joint venture de construção de locomotivas. Algumas multinacionais estrangeiras teriam fechado a fábrica em Campinas por causa do prolongado declínio nas vendas de bens de capital. Mas Meier compensou seus prejuízos com os lucros de motores elétricos, geradores e lâmpadas elétricas. Agora, Meier acha que sua longa espera por uma mudança para melhor está para ser recompensada. "As pessoas precisam apenas começar a acreditar de novo no País", ele diz.

A razão é que o Brasil parece estar apurando para as radicais mudanças que poderiam finalmente desencadear seu vasto potencial econômico - e torná-lo uma locomotiva para o crescimento de toda a América Latina. O lançamento de uma nova moeda, o real, ajudou a cortar a inflação de 50% ao mês em junho para apenas 1,97% em agosto. Isso foi conseguido graças a um atrelamento não rígido ao dólar, combinado com medidas tais como barreiras menores às importações e restrições nos déficits do governo. O ressurgimento do crédito ao consumo estimulou uma alta de gastos, dando nova força a muitos setores industriais.

A principal dúvida é saber se as eleições de outubro irão ajudar a acelerar a embrionária recuperação do Brasil. Fernando Henrique Cardoso, o ex-ministro da Fazenda, que lançou a reforma da moeda, é o candidato à Presidência que lidera as pesquisas. Ele deve vencer ou na primeira rodada de votações no dia 3 de outubro ou no segundo turno no dia 15 de novembro contra o esquerdista Luís Inácio Lula da Silva. Uma vitória convincente poderia dar a Cardoso o impulso para levar adiante uma ampla agenda de reformas de mercado ainda mais agressivas.

O resto da América Latina observa para ver se desta vez o Brasil vai seguir o rumo de vários países vizinhos que venceram a inflação, abriram seus mercados e atraíram bilhões em investimento estrangeiro. Com 160 milhões de pessoas, um PIB de US\$ 500 milhões e a maior infraestrutura industrial da América Latina, um Brasil economicamente estável poderia dar um poderoso incentivo a toda a região, já desfrutando de sua expansão mais rápida em décadas. "Um Brasil mais forte vai beneficiar a todos nós", disse à Business Week o ministro da Economia da Argentina, Domingo Cavallo. "Nós achamos que o Brasil tem uma verdadeira oportunidade de formar um governo que seja capaz de conduzir bem a economia". A Argentina deve se beneficiar na condição de principal sócio do Brasil, junto do Uruguai e do Paraguai no bloco comercial do Mercado Comum do Sul (Mercosul), que vai adotar tarifas externas comuns para a maior parte dos bens no dia 1º de janeiro.

O renascimento econômico pode ainda sair dos trilhos. Afinal, o Brasil teve sete ministros das finanças, três moedas e dois tratamentos econômicos de choque só nos últimos quatro anos, todos os quais fracassaram no controle da inflação. Portanto, as esperanças brasileiras em relação à última tentativa, o Plano Real, estão misturadas a um profundo ceticismo. A dona de casa de São Paulo, Marcia Gil Marques, por exemplo, diz que "adora" o plano, que aumentou seu poder de compra. "Mas depois das eleições, eles vão revelar a verdadeira taxa de inflação", ela adverte. "Não acredito que seja apenas de 2 ou 3%."

Após sete planos, brasileiros estão esperançosos e também céticos

Na verdade, na batalha contra a inflação, "nós estamos vivendo em meio a uma trégua", adverte Roberto Teixeira da Costa, presidente da Brasilpar Financial Services. "1995 vai nos trazer um bocado de realismo." Para ajudar Cardoso a vencer, as empresas brasileiras deixaram de elevar os preços - mas a eleição vai encerrar essa restrição.

Isso poderia estimular demandas por parte de trabalhadores para amarrar de novo seus salários a um índice de preços, resgatando o impulso inflacionário. "Se os preços subirem, o trabalho terá espaço para exigir a reindexação", adverte o presidente da Bolsa de Valores de São Paulo, Alvaro Augusto Vidigal.

Outras pressões inflacionárias estão à espreita. Exportadores, dando sua contribuição a Cardoso, abafaram o som de suas queixas de que as exportações brasileiras estão sendo prejudicadas pelo real supervalorizado. Mas depois da eleição, eles deverão reclamar em altos brados por um real mais barato - que iria estimular a inflação ao elevar os preços das importações.

Os ganhos de Cardoso contra a inflação também poderiam ser corroídos se ele não conseguir converter uma vitória eleitoral em uma aprovação do Legislativo a novas importantes reformas econômicas. "Estas coisas precisam ser feitas imediatamente, senão o clientelismo vai voltar", diz Vidigal, referindo-se ao processo de troca de favores entre políticos. Cardoso vai enfrentar a resistência até mesmo entre aliados eleitorais para fazer restrições a tais despesas. Seu

maior aliado, o Partido da Frente Liberal (PFL), vai querer que o dinheiro continue fluindo para os governos e para as 1.100 prefeituras que controla, particularmente no retrógrado Nordeste.

Apesar dos desafios óbvios, a maior parte dos analistas acredita que o Plano Real e a eleição estão fornecendo o que há de melhor em estabilidade econômica em muitos anos. "O Brasil está cercado de países que tiveram sucesso em seu planejamento econômico", diz John E. Polhemus, presidente da Goodyear do Brasil, cujas vendas domésticas de pneus estão com alta de 121% desde 1992. "Os brasileiros olham em torno de si e sabem que podem fazer isso, também."

O economista de Harvard, Jeffrey Sachs, um consultor de muitos governos na luta contra a inflação, também acredita que as medidas iniciadas pelo Brasil são um bom começo.

Apesar de tudo, a economia do Brasil conseguiu sobreviver e, em alguns setores, prosperar. O PIB deve crescer cerca de 4% neste ano. E a abertura comercial forçou as indústrias a investir em novas tecnologias e cortar a força de trabalho. Como resultado, a produtividade saltou 36% nos últimos três anos.

Se as empresas se saíram tão bem sob as terríveis condições políticas, os otimistas esperam muito mais, caso Cardoso consiga cumprir pelo menos metade de suas metas. Tome-se como exemplo Israel Vainboim, presidente da Brasil Warrant, um importante conglomerado bancário e industrial. Ele prevê um crescimento médio de 7% a 8% por ano na próxima década. "Não acredito que nós jamais tenhamos tido a combinação de ingredientes que temos hoje para mudar profundamente o país", diz Vainboim.

PFL quer que dinheiro continue fluindo às prefeituras

Embora a privatização esteja bem atrasada em relação a outros países latino-americanos, tais como o México e a Argentina, o "sell off" (venda a preços reduzidos para levantar dinheiro rapidamente) de oito siderúrgicas deficitárias entre 1991 e 1993 tornou-as lucrativas, e produtoras tecnologicamente renovadas. Resultados como esses ajudaram a mudar a opinião pública a favor da privatização. Cardoso, caso vença, deve acelerar o processo, concentrando-se primeiramente nas empresas públicas de eletricidade. Mudanças constitucionais são necessárias, porém, para abrir as telecomunicações do Estado e o monopólio petrolífero à competição privada.

Uma questão crucial é saber se toda essa atividade econômica de livre mercado pode se traduzir em ganhos tangíveis também para indivíduos brasileiros, dos quais cerca de 40% vivem em uma dolorosa pobreza. Um dos sinais de que a inflação mais lenta está diminuindo o aperto sobre os orçamentos familiares: as vendas nos restaurantes McDonald's no Rio e no norte do Brasil tiveram alta de 7% em junho e 30% em julho e mais de 60% em agosto. Isso porque os clientes de baixa-classe-média, ganhando entre US\$ 200 e US\$ 450 por mês, estão saindo para comer fora de novo, diz Peter Rodenbeck, gerente das franquias para a região.

Embora os brasileiros sofram com a segunda pior distribuição de riqueza no hemisfério, depois apenas do Haiti, eles parecem estar rejeitando a mensagem de revolução social de Lula nas pesquisas. Os brasileiros "estão tão famintos para ter uma moeda estável, que votarão em quem quer que seja que prometa isso", admite o economista Aloísio Mercadante, companheiro de Lula concorrendo à vice-presidência, "mesmo se aquela pessoa cinicamente a oferecer às vésperas de eleições nacionais".

Mas Cardoso está oferecendo mais do que uma moeda que acabe com a inflação. Ele também tem uma reputação de político sensato. Formado em Sociologia, o ex-senador de 63 anos foi professor em Universidades em São Paulo, Cambridge, Stanford e Berkeley. Seu ar cauteloso e sua reputação de honestidade dão a tranquilidade a muitos brasileiros de que uma Presidência de Cardoso iria impor a ordem sobre a confusão econômica do Brasil. "Cardoso tem o background intelectual e ético para organizar o Estado", diz Pedro H. Mariani, presidente do Banco da Bahia, um banco de investimento no Rio de Janeiro.

O manifesto de Cardoso é um livro de 300 páginas destacando sua proposta de programa de governo, incluindo como ele pretende financiar US\$ 100 bilhões em programas de infraestrutura para a renovação dos sistemas de saúde e educação do país. "Nós precisamos estabelecer uma parceria", ele diz, "entre o governo, o setor privado e investidores estrangeiros".

É devido à sua abordagem sensível que muitos brasileiros, inspirados pela conquista do seu quarto título da Copa Mundial de Futebol, sentem que é hora de parar de sentar nos desvios econômicos, olhando os seus vizinhos menores e mais ágeis conquistarem altos escores. Embora Cardoso tenha grandes batalhas à sua frente, os brasileiros parecem dispostos a mandar o maior jogador da América Latina - o Brasil - de volta à luta.